

RESUMO/ABSTRACT

DESTERRITORIALIZAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS E O “PLANO DE IMANÊNCIA” EM GILLES DELEUZE

Este ensaio busca problematizar o conceito de plano de imanência na literatura contemporânea a partir das reflexões de Gilles Deleuze sobre os processos de desterritorialização e de zona de vizinhança. Em um segundo momento, elaboro, suplementando a formulação deleuziana, o conceito de campo de consistência e sua relação com os deslocamentos epistemológicos e identitários capaz de apreender com mais exatidão, por processos de ressonância, a palavra poética.

Palavras-chave: Plano de imanência, Literatura contemporânea, deslocamentos epistemológicos, Gilles Deleuze

EPISTEMOLOGICAL DISPLACEMENT AND THE “IMMANENCE SPACE” IN GILLES DELEUZE

This essay focuses on the concept of “immanence space” in contemporary literature under the perspective of Gilles Deleuze’s thoughts, especially, by his formulations about the processes of “desterritorialization” and neighbourhood’s zone. Afterwards, I elaborated the concept of consistency’s field in relationship with the displacement of identity and epistemological processes, able to grasp in a preciser way, the poetic writing.

Keywords: Immanence space, Contemporary Literature, epistemological’s displacements, Gilles Deleuze

DESTERRITORIALIZAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS E O “PLANO DE IMANÊNCIA” EM GILLES DELEUZE

Rodrigo Guimarães

Professor Doutor da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, MG.

rodrigo.guima@terra.com.br

É preciso escrever líquido ou gasoso, justamente porque a percepção e a opinião ordinárias são sólidas, geométricas.

Deleuze

Duas máquinas duais: a primeira acopla as estruturas, os processos identitários, os significantes, o Simbólico, o Édipo, a filosofia da representação, o Ser, os atributos e predicados, o “não dialético”, as formas, o transcendente, o essencialismo (Platão, Aristóteles, Descartes), as substâncias, os sujeitos e objetos, o tempo de *Cronos* (metrificado), o pensamento-sujeito, a linguagem que designa paradas e repousos, os modelos que privilegiam nomes e adjetivos (epicurismo) e a consciência com sua síntese de unificação (o “eu”). A segunda conecta o pluralismo, o “sim dionisíaco”, as linhas de ação da diferença, a distribuição de singularidades (nem pessoal, nem individual), o princípio móvel imanente, a lógica do acontecimento, a modulação (e não a moldagem), os fluxos, a variação contínua de variáveis, o tempo indefinido de *Aion*, o pensamento-ação, a linguagem que exprime os movimentos e os devires.

Alain Badiou soube ver com acuidade o movimento deleuziano. Toda a montagem dessa maquinaria de oposições categoriais cria um campo necessário para que Deleuze possa se subtrair a ele, encontrar suas linhas de fuga nas reversões, injunções e comutações¹. A posição anticartesiana de Deleuze neutraliza as operações que fixam o ser e o “eu” em categorias, o que justifica o seu aforismo “agarrar as coisas pelo meio”. Esse “agarrar” tem como objetivo potencializar a movência que atualiza o sentido do percurso que nunca é dado por um princípio de ordem e sucessão estático, pré-fixado.

¹ Cf. o ensaio “Da vida como nome do ser”. In: ALLIEZ, 2000, p. 159.

O pensamento deleuziano, desde a sua primeira obra de importância, *Diferença e repetição* é inteiramente afirmativo e antidialético. Nesse texto de juventude, ao postular a verdade como “produção”, e não como “adequação”, ele preparou o terreno para uma articulação lógica incomum que só desenvolveria plenamente bem mais tarde: a síntese disjuntiva, o “e-ou-nem”. O procedimento “nem isso nem aquilo”, visto de forma isolado, não alcança a amplitude da partícula “e”, necessária aos acoplamentos maquinais, agenciamentos, conexões e variações de fluxos. Por sua vez, como sublinhou Badiou, o próprio “e” ainda é excessivamente categorial. Daí a necessidade de um conector individuante, que separe, neutralize, incorpore e crie, em um só movimento, como é o caso do “e-ou-nem”. Mas, antes de chegar a uma lógica satisfatória e a “um corpo conceitual” consistente, que se dá em *Mil platôs*, Deleuze efetuou alguns passos profícuos em seu livro *Lógica do sentido*. Nessa obra, pode-se encontrar, em germe, quase todas as formulações que Deleuze irá desenvolver posteriormente. Esta obra é elaborada em trinta e quatro séries (ao invés de capítulos), que deslizam umas sobre as outras como cadeias metonímicas que se entrecruzam ou curto-circuitam. Uma boa parte delas lida com paradoxos, sistemas de contradição e não-senso, extraídos dos textos dos Estóicos, de Leibniz, de Lewis Carroll e de Antonin Artaud. Diferentemente de Derrida, Deleuze não desmantela a noção do Ser (e, por extensão, do “eu”), mas fragiliza-o de outra maneira. Primeiro, distingue duas espécies de Ser: o ser do real que responde às matérias das designações e o ser do possível como forma das significações. Acrescenta ainda, recorrendo às formulações de Meinong, um terceiro gênero, o *extra-ser*, que compartilha um mínimo comum ao real, ao possível e ao impossível. Dessa forma, ele ultrapassa o princípio de contradição (que só se aplica ao real e ao possível), ao se referir aos extra-existentes que dizem respeito aos objetos “sem pátria”, como quadrado redondo, matéria inextensa, etc. Esses objetos são acontecimentos ideais inefetáveis, mas subsistem na proposição. Portanto, são proposições com sentido, aquelas que designam objetos contraditórios, e assim se opõem à ausência de sentido (mesmo que não possuam nenhum sentido particular). O não-senso, sob essa ótica, produz um excesso de sentido e não se encontra em uma relação de oposição simples com o sentido, mas estabelece com ele uma co-presença.

É próprio da linguagem, diz Deleuze, estabelecer limites e ultrapassá-los, o que ocorre simultaneamente. Isso porque o limite, ou a fronteira entre as proposições e as coisas ou entre duas séries de signos, é o lugar onde o sentido acontece. A fronteira não mistura as séries; ela apenas articula a diferença, cria uma zona de indistinção, como a “pirâmide sem base definida”, de Hegel, quando a bruma preenche o vale ao amanhecer do dia e deixa exposto apenas o seu cume, enquanto a linha que distingue sua base permanece indeterminada. Esse deslizamento de séries ocorre de várias formas. Uma proposição que designa um objeto pode ser objeto de outra proposição, e assim sucessivamente

(paradoxo de Frege). Ou, ainda, termos de uma série que estão em deslocamento relativo diante dos da outra (esse é o caso do lugar do ministro nas duas séries de Poe, também analisada por Lacan em seu célebre artigo “O seminário sobre ‘a carta roubada’”). Este deslizamento mantém as séries em desequilíbrio. Os mesmos termos que percorrem as séries heterogêneas e executam a convergência entre elas faz com que elas divergem sem cessar. Deleuze dá uma especial atenção a este elemento paradoxal capaz de coordenar as séries, fazendo-as ressoar umas nas outras, ao mesmo tempo em que possibilita suas ramificações e disjunções múltiplas. Esses elementos, reafirma Deleuze, não são entidades abstratas; pelo contrário, são perfeitamente identificados nos textos, tais como as palavras esotéricas de Carroll, as palavras-valise de Joyce, a quarta pessoa do singular (nem ego individual nem eu pessoal) de Ferlinghetti².

Essa instância paradoxal, entre outras exploradas em *Lógica do sentido*, é que permite a Deleuze reverter o platonismo. Não mais o sentido como essência correspondendo a uma lógica do predicado, mas como acontecimento que emite “jatos de singularidades”. O que Deleuze busca ao construir uma lógica do acontecimento é criar uma rede de relações quase-causais que age por ressonâncias, o que dificulta o estabelecimento de regras de incompatibilidade que só valem para os conceitos, os predicados e as classes. Para tanto, ele recorre aos textos “parciais” dos estóicos e às formulações de Leibniz sobre a impossibilidade. Não é sem interesse para a literatura a teoria desconexa de Leibniz sobre os acontecimentos impossíveis, ou seja, de singularidades (e não “eus”) que convergem dentro de uma sequência de séries mas sem extrapolar para outra rede serial, “outro mundo”. Nada melhor para ilustrar esse “conjunto de possíveis” que o conto de Jorge Luis Borges “O jardim de veredas que se bifurcam”. O assassino em um mundo pode ser a vítima em um outro ou simplesmente ator coadjuvante em um terceiro. Mas Leibniz, reconhece Deleuze, por estar demasiadamente comprometido com as exigências da teologia, não pôde apreender outras implicações de sua formulação, sendo a lógica leibniziana negativa e excludente, pois, apesar dos outros mundos possíveis, Deus escolhe o “melhor” mundo, que é justamente o nosso. A escolha do “melhor” é o crivo de “Deus” que seleciona a partir de um caos. O acontecimento produz-se em meio a uma multiplicidade caótica. O caos, na concepção deleuziana, é apenas uma abstração porque é inseparável de um crivo que dele extrai alguma coisa. Como reverso do crivo, o caos compõe ao infinito sequências que só nos parecem aleatórias “por causa da nossa impotência em segui-las ou por causa da insuficiência dos nossos crivos pessoais”. (DELEUZE, 1991, p. 118-119).

² A palavra-valise, frisa Deleuze, não é apenas uma contração simples de palavras e sentidos, pois isso “não passa de uma definição nominal”. Ela diz respeito a uma função complexa que ultrapassa a coordenação das séries, introduzindo também disjunções entre elas, zonas de indeterminação que asseguram a passagem de singularidades de uma série à outra. (DELEUZE, 1974, p. 48-49).

Todo o sistema das séries deleuzianas presente em *Lógica do sentido* será reelaborado em um corpo conceitual muito mais preciso, flexível e dinâmico, como se nota em *Mil platôs* (escrito com Félix Guattari na década de 1980), obra que repercutiu, com força incomum (sobretudo nos anos 90), na teoria literária brasileira.

O plano de imanência e a desapropriação das fronteiras epistemológicas e identitárias

Interessa-me que uma página fuja por todos os lados, e no entanto que esteja bem fechada sobre si mesma, como um ovo.

Deleuze

A proposição, a figuração, o modelo são, em sentido negativo, como um corpo sólido que restringe a liberdade de movimento dos demais; em sentido positivo, como o espaço delimitado por uma substância sólida, onde há lugar para um corpo.

Wittgenstein: *Tractatus* 4.463

O plano de imanência não é possível sem os conceitos que os sustentam. Os conceitos de Deleuze e Guattari perdem vitalidade quando separados do plano de imanência. Essa relação de inserções mútuas e de correlação é o que os autores denominaram de “pressuposições recíprocas”.

Os conceitos e os estratos que atravessam o plano de imanência são como os corpos sólidos do espaço tractariano (ver epígrafe de Wittgenstein), ou seja, necessários para definir o Plano. Por outro lado, não há uma relação propriamente “negativa” (como em Wittgenstein), dos estratos, pois eles não restringem inteiramente o movimento do “plano de imanência” que sempre promove linhas de fuga, vazamentos, irrupções e fissuras em suas camadas.

O plano de imanência é percorrido por coisas e signos heteróclitos: intensidades semióticas, interações físico-químicas, mensagens genéticas. Deleuze faz questão de reafirmar que não se trata, de forma alguma, de relações metafóricas, e sim de efeitos de máquinas (produtoras ou desejanças) e seus sistemas de cortes-fluxos. Máquinas acopladas em máquinas produzindo estratos onde os campos identitários se alojam³.

³ O conceito de máquina produtora, evocado com frequência em *O anti-Édipo* (1976), nada tem que ver com a noção trivial de “máquina” como programação calculável de uma repetição automática. Ao revés, evidencia-se um movimento de performatividade que se afasta da “tecnicidade maquinal”.

As formas, as substâncias e as expressões que existem nos estratos podem ser desestratificadas, descodificadas, desterritorializadas, ocasionando as linhas de fuga que se inserem no plano de imanência. Portanto, o “Plano é real”, mas não no sentido de “um conjunto indiferenciado de matérias não-formadas, tampouco um caos de quaisquer matérias formadas”. (DELEUZE, 1995a, p. 87-88).

Mesmo não havendo formas e nem conteúdo no Plano, há, ainda assim, signos-partículas, contínuos de intensidades, conjunções de fluxos desterritorializados em relações de velocidade e lentidão. Por isso, é um Plano de proliferação, povoamento, contágio, e não princípio de organização, mas meio de transporte de afetos e devires que mantém juntos os elementos heterogêneos, as singularidades e as multiplicidades.

As formulações de Deleuze e Guattari sobre o plano de imanência acontecem em um elevado grau de abstração, o que faz com que eles tenham que reafirmar frequentemente que estão lidando com operações concretas de produção, e não de representação ou transcendência⁴. O mesmo não se dá em relação aos estratos que atravessam o Plano, pois estes são sobrecodificados e abrigam formas, “eus”, fronteiras identitárias rígidas, órgãos e funções que operam por cortes e desaceleração dos fluxos, criando assim um processo de verticalização e hierarquização.

Por outro lado, os estratos sofrem uma constante desterritorialização, efetuada por diferentes processos: a) “o corpo sem órgãos” com seu fluido indiferenciado, sopros e gritos que não param de desfazer o organismo (entendido aqui como sentido, linguagem, “eu”, fluxos ligados e acoplados, à maneira da libido freudiana); e b) “a máquina de guerra nômade” que tem por inimigo o Estado, a cidade, o fenômeno urbano, agindo em um “espaço liso” (projetivo e topológico), fissurando o espaço estriado (métrico, homogêneo, esquadrinhado).

Evidencia-se aí, mesmo que de forma excessivamente simplificada, a profusão de conceitos que se desenvolvem em uma trama complexa com a finalidade de preencher o plano de imanência e conferir-lhe consistência. O pensamento deleuziano privilegia a construção de conceitos que sejam capazes de movimento. Em sua obra madura, *O que é a filosofia*, Deleuze dedica dezenas de páginas à definição do “conceito” e sua relação proeminente com o pensamento da ciência, da arte e da filosofia. Ele apresenta uma reflexão matizada sobre os componentes de um mesmo conceito ou sobre os “pedaços” advindos de outros conceitos que respondiam a problemas relativos a outros “planos de imanência”. Enfatiza ainda as diferentes formas em que o conceito corta o “plano” e se distribui sobre ele, bem como a maneira que seus elementos distintos recobrem, de forma parcial, outros conceitos, estabelecendo uma “zona de vizinhança” indiscernível, com variações modulares. Acrescentam-se

⁴ Escreve Deleuze: “O abstrato nada explica, devendo ser ele próprio explicado: não há universais, nada de transcendente, de Uno, de sujeito (nem de objeto), de Razão, há somente processos, que podem ser de unificação, de subjetivação, de racionalização, mas nada mais”. (DELEUZE, 1990, p. 182).

ainda outras definições, tais como “o contorno irregular de um conceito”, o que impossibilita fixar tanto constantes quanto variáveis relacionadas a ele e a seus componentes.

Por outro lado, o conceito corta o acontecimento e o plano de imanência à sua maneira, como ondas “múltiplas que se erguem e que se abaixam, mas o plano de imanência é a onda única que os enrola e os desenrola” (DELEUZE, 1992, p. 51).

A meu ver, essa “onda única” que enrola e desenrola o plano de imanência remete a uma formalização um tanto problemática do “plano”, qual seja, a idéia de sua univocidade, defendida frequentemente por Deleuze. Um plano pode estar esburacado ou coexistir com outros planos, reconhece Deleuze, mas há, em muitos momentos de sua reflexão, a referência a um Plano que concatena todos os outros, sem constituir uma unificação à maneira de Parmênides. Quanto a esse ponto (por demais complexo para se discutir no âmbito deste ensaio) eu adoto uma posição mais próxima de Wittgenstein: os “jogos de linguagem” em questão devem ser considerados de maneira particularizada. Há, acredito eu, um “resto” de idealismo metafísico em Deleuze, o que não diminui a riqueza de seu pensamento.

Ainda assim, na formulação deleuziana, estabelece-se uma relação que implica elasticidade do conceito (que se desloca e muda de relações), com a fluidez do plano de imanência. Ou, ainda, conceitos que foram sequenciados em uma mesma série podem não se corresponder termo a termo: um código pode ser de desterritorialização, uma reterritorialização pode ser de descodificação. Observem-se aí os conceitos se movimentando no mesmo plano de imanência, desterritorializando-se de diferentes maneiras. Dessa forma, um espaço liso pode ser traduzido em um espaço estriado (codificado) ou capturado por este, que, por sua vez, pode ser dissolvido em um espaço liso. Mas isso não quer dizer, de maneira alguma, rebater um plano sobre outro, como ocorre, por exemplo, nas análises que buscam patologizar a escritura de Joyce ou os poemas de Artaud (rebatimento da literatura sobre a clínica). Ao contrário, muitas das desterritorializações possibilitam o deslizamento das fronteiras que suprimem as séries duais e agenciam o crescimento das dimensões, “numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”⁵. Assim, a fronteira se

⁵ Deleuze elabora o conceito de rizoma para circunscrever, entre outras coisas, o modo de realização das aglutinações e as linhas de fuga das multiplicidades (conceito que difere do “múltiplo” e de sua oposição abstrata ao Uno e à Totalidade). Uma multiplicidade não se acopla de forma serial (linear), arborescente (bifurcando-se) ou à maneira de pivô (círculos concêntricos). Alguns espaços lisos (deserto, mar, aglomerados urbanos), plantas (bulbos, grama, tubérculos), animais (ratos, lobos, abelhas) tem características de rizomas, pois apresentam alguns princípios comuns: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro”; age por aliança e não por filiação; tem múltiplas entradas ou saídas; instaura um plano de composição (platôs) de intensidade contínua. Além disso, as séries semióticas rizomáticas podem ser conectadas “a modo de codificações muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regime de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas”. (DELEUZE, 1995a, *passim*).

transforma numa zona de vizinhança (noção topológica e quântica), que contém elementos e multiplicidades que pertencem a diferentes séries ou estratos ao mesmo tempo.

É essa sintaxe de desterritorialização e linhas de fuga que possibilita ao escritor criar uma língua estrangeira dentro de sua própria língua, como dizia Proust. Ou, nas palavras de Deleuze: “É aí que toda língua se torna secreta, e entretanto não tem nada a esconder, ao invés de talhar um subsistema secreto na língua” (DELEUZE, 1995b, p. 43).

Em poucas palavras, Deleuze e Guattari criaram um campo de impossibilidades (linhas de fuga dos possíveis) que eles denominaram de plano de imanência, feito de consistências (e não operações lógicas), acopladas por uma máquina abstrata que opera por cortes e fluxos, e estabelece critérios (estratos, conceitos, consciência do “eu”, fronteiras identitárias, etc.), ao mesmo tempo em que é atravessada por “devires” que não seguem uma logicidade pré-formada. No entanto, a prudência é evocada pelos autores, para que o plano de imanência não se transforme em regressão ao indiferenciado: “Não será preciso guardar um mínimo de estratos, um mínimo de formas e de funções, um mínimo de sujeito para dele extrair materiais, afetos, agenciamentos?” (DELEUZE, 1997, p. 60).

O campo de consistência e a desestabilização identitária

Ride, mas chorai ao mesmo tempo. Se não puderdes chorar pelo olhos, chorai pela boca. Se ainda impossível, urinaí..

Lautréamont

O riso, o choro e a urina constituem máquinas de corte-fluxos interligadas que trabalham “ao mesmo tempo” ou sequenciadas em narina, boca, uretra e tantos outros acoplamentos que se valem de “logicidades flexíveis” assim como formuladas por Blanchot, Wittgenstein, Borges, Derrida e Deleuze. Toda essa “maquinaria” responde ao propósito de se construir um “campo de consistência”. A formulação que aqui elaboro se aproxima, em certo sentido, do “plano de imanência” de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Entretanto, há três diferenças fundamentais que cabem destacar. A primeira refere-se ao povoamento do “campo de consistência” com conceitos de diversos autores e não apenas os deleuzianos. A segunda diz respeito ao objeto do “campo de consistência”. Enquanto o plano de imanência visa os vários sistemas de codificações (semióticos ou não), o campo de consistência foi elaborado especificamente para lidar com a linguagem literária e seus espaços experienciais (incluindo suas marcas não repertoriáveis), e de forma mais específica, com escrituras desterritorializadoras em relação à consciência, à noção de “eu” e de tantos outros índices topológicos. Por fim, não atribuo

ao campo de consistência o caráter de univocidade assim como o fazem Deleuze e Guattari em relação ao plano de imanência. Não há como circunscrever o termo “campo de consistência” em um mesmo jogo de linguagem (para evocar uma suposta univocidade). Por isso prefiro deixar “o campo de consistência” aberto a um ligeiro deslizamento, assim como ocorre com o conceito de “semelhança de família” em Wittgenstein⁶.

Ao recortar e pinçar um vasto corpo conceitual, como o da desconstrução, desterritorializei Derrida. O mesmo vale para todos os outros autores que mencionei de forma breve e fragmentada. Ao colocá-los juntos em um mesmo espaço, cria-se um “campo de consistência” que apresenta uma “semelhança de família”, principalmente no que diz respeito às investidas desconstrutoras em relação à verdade, ao Ser, à metafísica, ao significante, às estruturas que alojam o “eu” e às segmentações duras. Se esses pensadores elaboraram um *corpus* de pensamento que veio a ser conhecido como “desconstrução”, isso só é verdade do ponto de vista categorial e estratificador, pois sob a ótica derridiana, *stricto sensu*, os procedimentos por eles adotados divergem de forma expressiva, demonstrando que não há “a” desconstrução, e sim múltiplas operações desconstrutoras ou desterritorializadoras⁷.

Concordo com Deleuze sobre a necessidade de cada filósofo criar um corpo conceitual próprio para lidar com questões e objetos específicos de uma época. No entanto, em determinados casos, há outras saídas igualmente satisfatórias e mais “econômicas” no sentido de evitar os imensos (e, às vezes, prolixos) tratados filosóficos. Daí a minha escolha de reconstruir (ou desfigurar) o plano de imanência deleuziano juntamente com as contribuições teóricas e conceituais de outros autores. Ao agir assim, desterritorializei parcialmente o plano de imanência, bem como os conceitos que evoquei. Tais são os gestos requeridos para se criar um “campo de consistência” conforme a inflexão das escrituras abordadas.

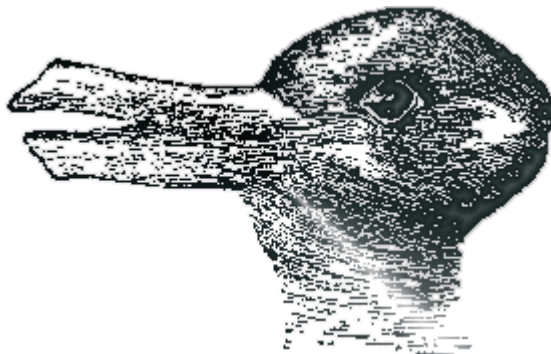
Ao emparelhar feixes conceituais em um mesmo campo de consistência, elaborei uma “zona de vizinhança” com ressonâncias crepusculares, despersonalizações e linhas de fuga, tudo isso para ampliar conexões e instaurar paisagens que só aparecem nos movimentos inerentes ao campo de consistência. Evidentemente que ao aproximar procedimentos teóricos díspares, corre-se o risco do “fantasma lockiano do espectro invertido”: “aquilo que eu quero dizer com ‘vermelho’ pode muito bem ser o que você quer dizer com ‘verde’”. Uma grande heterogeneidade de conceitos sobre o mesmo

⁶ O traçado definidor em uma “semelhança de família” é uma complexa rede de semelhanças que se entrecruzam como a sobreposição de diferentes fibras de uma corda. “Do mesmo modo que os diferentes membros de uma família se parecem uns com os outros sob diferentes aspectos: compleição, feições, cor dos olhos, etc”. (GLOCK, 1998, p. 325).

⁷ Desconstrução e desterritorialização não são palavras sinônimas. Em um poema extremamente desconstrutor (como *Galáxias*, de Haroldo de Campos, 1984), a inserção de uma parte estratificadora (construção) pode ocasionar efeito desterritorializador em relação a outras partes do poema.

campo de consistência pode resultar em indiferença ou gratuidade, provocando efeitos caóticos e homogeneizadores ao invés de aumentar e potencializar as conexões no “campo”.

Para evitar uma estratificação e sobrecodificação do plano de imanência, alinhei, em um campo de consistência alguns conceitos e procedimentos elásticos (como a lógica de borracha, LACAN, 1998), distribuídos em feixes não lineares (DERRIDA, 1997). Sempre que possível, tento destacar a oposição desses teóricos ao relativismo homogeneizador. Tampouco, suas formulações podem ser consideradas abordagens “perspectivistas” ou de “percepção de aspectos” (no sentido que lhe confere Wittgenstein em *Investigações Filosóficas*, 1979)⁸.



O campo de consistência tem como “imanência” o movimento, intensidades, acelerações, modulações e entrechoques. Assim, a mudança de posição no campo (novas conexões) transforma o objeto (espaço estratificado e campo identitário), bem como o sujeito: nódulos, coágulos ou rizomas (e não “eus”). Em certo sentido, pode-se falar que no campo de consistência não há sujeito, objeto e atributos que respondem a um nome, a um processo de unificação, portanto, o esquema “emissor-mensagem-receptor” é neutralizado pelo campo de consistência. Mas na dimensão dos estratos, substratos e

⁸ O “perspectivismo” diz respeito a pontos de vista diferentes sobre a mesma história (ou objeto), o que equivale a dizer que as variações possíveis de percepção estão subordinadas a uma regra de “convergência” comandada pelo objeto. Na “percepção de aspectos” não há nenhuma variação na percepção visual do objeto. Nenhuma mudança de perspectiva ou de incidência de luz sobre o mesmo. Existe apenas uma alteração na “vivência mental” em relação a um aspecto do objeto ainda desconhecido. Esse é o caso da cabeça L-P (lebre-pato) de Jastrow (retomada por Wittgenstein). Há quem diga ver uma lebre; outros, um pato, e após alguns segundos, a maioria das pessoas consegue identificar a lebre e o pato mediante uma visão sinóptica.

estruturas esse sistema trinário apresenta certa eficácia, assim como a cadeia significante de Lacan e as séries de Deleuze (presentes em suas primeiras reflexões, sobretudo em *Lógica do sentido*). Entretanto, esses estratos devem ser flexibilizados e atravessados por linhas de fuga do campo de consistência, a fim de se evitar paternidades e segmentações duras.

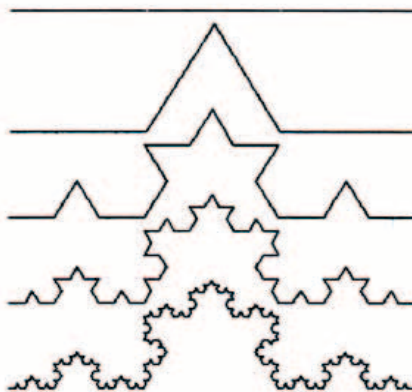
Na dimensão do campo, o estrato é órfão. Não há um pai a comandar por “princípios”, a fundar teorias nas quais se encaixa o “eu” e as fronteiras identitárias. Nenhum procedimento hermenêutico-interpretativo, apenas deslocamentos metonímicos intra-estratos e acontecimentos-devires inter-estratos ou, mesmo, metaestratos.

Certa palavra literária, quando em interação com o campo de consistência, produz outras modulações, desterritorializa-se, muda de “natureza” ao flocular-se no processo de “análise” (que se dá por adição “suplementar”, acoplamento de máquinas). Enfim, neutraliza-se a unidade da cabeça L-P de Jastrow. Portanto, o pato e a lebre (representações já estratificadas culturalmente) passam a coexistir com linhas, pontos, espaços, distâncias e formas de distribuição no espaço. Nada disso é aleatório ou caótico. O “caosmo” presente no campo de consistência ostenta procedimentos “lógicos” identificáveis: a reunião não-sintética de diversas fórmulas muitas vezes contraditórias (o tetralema de Julia Kristeva); a “semelhança de família” e os “jogos de linguagem” (Wittgenstein); operações de indecidibilidade, duplo corte e *différance* (Derrida); o entre-dois, o fragmentário e a escrita como desastre (Blanchot); o apagamento das fronteiras entre o real e o ficcional e a lógica do múltiplo (Borges); a síntese disjuntiva “e-ou-nem”, as multiplicidades, a zona de vizinhança e as conexões rizomáticas (Deleuze).

Essa rede conceitual é extremamente flexível, mas ainda assim elas são desterritorializadas, atravessadas por linhas de fuga pelo simples fato de pertencerem ao campo de consistência. Todo estrato ou elemento, ao pertencer ao campo, perde o seu valor “em si”, o que possibilita consistências do tipo $1 \neq 1$ (impossibilidade do fechamento totalizador do Um, do sentido). O mesmo é válido para os índices de “não-existência”, como morte, loucura, vazio, nada. Os “inexistentes” respondem à operação $0 \neq 0$ porque eles sempre aparecem em jogos de linguagem que diferem entre “si” e anulam a repetição. Por isso que na linguagem poética uma rosa é uma rosa e não é uma rosa. Não há tautologia no campo de consistência e a contradição não é contra-senso. Diferentemente do plano de imanência deleuziano, que comporta buracos, no campo de consistência o intervalo e a fenda são “espaçamentos”, *différance*, “espaço liso”, operações produtoras que atravessam, fissuram ou rasgam os estratos. Sob esta perspectiva, é possível dizer que não há “falta” no campo de consistência, somente cortes e desvios.

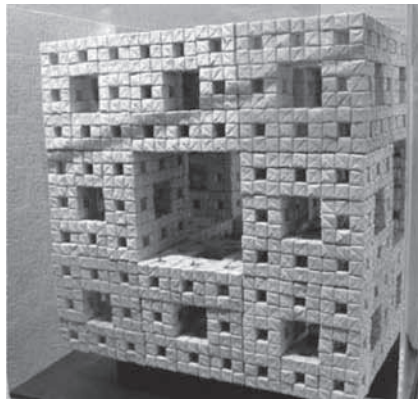
Ao poema não falta nada. A “falta” falta em seu lugar, à sua identidade (desfiguração do paradoxo de Lacan). Se existe a “falta” no leitor ou no escritor, pouco importa. Importa pouco se o crítico necessita dos estratos, da axiomática categorial para dizer que um texto é esquivo ou obsessivo, mo-

dermo ou pós-moderno, desconstrutor ou territorializador, representativo do “eu” ou da impessoalidade, justamente porque um texto (*escritura*) não “é” quando ele se encontra em relação ao campo de consistência, pois este desestabiliza e desautomatiza os categoremias ao deslocar constantemente o eixo de gravidade das estruturas, dos conceitos, das operações diferenciais, das coordenadas espaço-temporais. Esse processo de horizontalização das relações é que possibilita um pequeno descompasso, um detalhe, uma vírgula, alterar, sob certas circunstâncias, todo o eixo do poema ou de certas conexões. Esse mínimo subsiste, *punctum*, rizoma que eclode e desencadeia velocidades diferenciais e desterritorializações relativas (intra-estratos) ou absolutas (metaestratos). A percepção dos micro-movimentos que ocorrem no campo de consistência, a distinção em um corpo que parece uniforme e compacto, é que possibilita um tipo de apreensão bastante inabitual que Deleuze nomeou de “clareza”. É uma maneira de “ver” nos segmentos bem definidos “franjas incertas, invasões, superposições”. Uma boa exemplificação desse “exercício do olhar” é a curva de Van Koch:



A Curva de Van Koch, quando recebe um olhar de lupa, é desterritorializada em segmentos. O mesmo se dá com os segmentos que, a certa distância ou a partir de determinada escala, são desterritorializados e percebidos como uma curva. Entretanto, no campo de consistência as interações são bem mais complexas, pois não dizem respeito apenas a um modo de ver nas entrelinhas, mas de alterar o objeto visto, considerando que diferentes formas de “ver” implicam novas conexões com o campo de consistência ou operações ainda mais sutis, tais como o uso ativo da “desmemória”. O esquecimento, como Nietzsche formulou com aguda apreciação crítica, foi um elemento necessário

para o homem chegar à verdade, ajudando-o apagar a arbitrariedade de seus próprios passos. Por outro lado, na linguagem poética é possível fazer uso criativo do “esquecimento” ao jogar com a fragilidade da memória, desterritorializá-la. Em outras palavras, efetua-se um processo em que se utiliza a *différance* (que difere e retarda indefinidamente o sentido, na acepção derridiana), em um cálculo de linguagem para potencializar e semantizar o espaço do poema. Ou, então, distender o processo da *différance* até o mínimo de significação possível sem tangenciar a reterritorialização e recair na operação do tipo $0 = 1$ (o não-senso sem efeito potencializador, caos indiferenciado que sempre pode ser categorizado como “sem-sentido”, obtendo assim algum sentido). Porém, esse “mínimo de significação” pode preencher com seu vazio o “máximo” de semantização, como acontece com o poema célebre de Stéphane Mallarmé “Um lance de dados” ou com “a esponja de Sierpinsky” que pode ser esburacada indefinidamente sem nunca chegar a se desfazer, ou seja, mantém a sua consistência formal e ganha em leveza ao ser progressivamente subtraída.



Esponja de Sierpinsky

Existem muitos outros jogos de linguagem que buscam esse “máximo de significância em um mínimo de significação”: o “significante vazio” da psicanálise; *khôra* de Derrida (1995)⁹; “a casa vazia” de Deleuze (1974)¹⁰.

⁹ *Khôra* está “para além do gênero”, não responde à lógica da exclusão (*nem isto, nem aquilo*) ou à lógica da participação (*isto e aquilo* ao mesmo tempo).

¹⁰ A “casa vazia” é uma imagem advinda dos jogos de tabuleiro em que o lugar (o quadrado do tabuleiro) pode ser preenchido por qualquer peça em diferentes lances.

Sim. O campo de consistência exhibe variados gradientes em uma profusão de jogos de linguagem, um não-acabamento que lhe é inerente, um limite à formalização totalizadora da subjetividade (responsável pela unificação da instância metafísica denominada “eu”, bem como de suas fronteiras identitárias). Porém, há uma consistência, uma “multiplicidade” capaz de acoplá-lo a alguns poemas desterritorializadores sem subtrair-lhes conexões (formulações necessárias na abordagem de textos híbridos e de poéticas densamente reflexivas que surgiram na literatura brasileira nas duas últimas décadas).

Incurtionando em Wittgenstein, à maneira de um ritornelo e formulando lateralmente um tipo de visão astigmata, ressalto: não é a imagem pouco nítida do eu-mundo justamente aquela de que, com frequência, precisamos para que possamos circunscrever o acontecimento da poeticidade e seu deslocamento de fronteiras?

Referências Bibliográficas

ALLIEZ, Eric (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2000.

BLANCHOT, Maurice. *The Writing of the Disaster*. London: University of Nebraska Press, 2001.

BORGES, Jorge Luís. O jardim das veredas que se bifurcam: *obras completas*. São Paulo: Globo, 2000. v. I.

CAMPOS, Haroldo de. *Galáxias*. São Paulo: Ex-Libris, 1984.

CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Augusto de. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 2005. 191 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. Tradução de Bento Prado Junior e Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salina Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1990.

DELEUZE, Gilles. *A dobra*. Leibniz e o barroco. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Papirus, 1991.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Tradução de Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. I. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia* Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b. v. II.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v. IV.

DERRIDA, Jacques. *Dissemination*. Tradução de Barbara Johnson. The University of Chicago, 1981.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2ª ed. Tradução de Miriam Chnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1997.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Khora: ensaio sobre o nome*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papyrus, 1995.

GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A fenomenologia do espírito*. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1974.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de J. Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1992.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAUTRÉAMONT, Conde de. *Os cantos de Maldoror: poesias, cartas, obra completa*. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Recebido em 26 de março de 2009

Aprovado em 24 abril de 2009